

A SORORIDADE SOB UMA PERSPECTIVA ANALÍTICO-COMPORTAMENTAL

Natalia Mendes¹, Jordana Fontana²

¹ Acadêmica do curso de Psicologia, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR.
Bolsista PIBIC/ICETI-UniCesumar. natalialzamendes@gmail.com

² Orientadora, Mestre, Departamento de Psicologia, UNICESUMAR. jordanafontanaac@gmail.com

RESUMO

O conceito de sororidade emergiu a partir do movimento feminista como um ato político de resistência, e atualmente vem ganhando apropriações para além do espaço de militância. Algumas autoras têm se preocupado com ampla variedade de concepções pelas quais o termo tem sido associado, entre elas um sentido emocional e essencialista de mulher, que não condizem com algumas propostas do próprio movimento feminista. A Análise do Comportamento, uma das abordagens da psicologia, tem como função política contribuir para a resolução de problemas sociais, inclusive no âmbito de pautas feministas. Uma das técnicas sugeridas pela Análise do Comportamento é a operacionalização de termos, a fim de que eles possam ser melhor compreendidos e então colocados em prática de maneira efetiva. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é realizar a operacionalização do conceito de sororidade sob um viés analítico-comportamental. Para isso, será realizada uma pesquisa teórica, a partir de uma revisão bibliográfica e aplicação de fichamentos de transcrição em textos da literatura feminista que abordem o tema sororidade. Sendo compreendido como o termo tem sido tratado, será proposta uma explicação comportamentalista da sororidade. Espera-se, ao fim, compreender o conceito de forma mais sistemática, quais as contingências envolvidas e quais comportamentos devem ser emitidos para que as mulheres estejam agindo de acordo com o objetivo político da sororidade.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo; Resistência; Mulheres; Comportamento.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de sororidade emergiu como uma proposta de aliança política, social e cultural entre as mulheres, visando a união na luta e enfrentamento de problemas decorrentes de uma sociedade patriarcal. Nesse sentido, a sororidade é caracterizada como uma dimensão ética, política e prática do feminismo, num trabalho pessoal e coletivo entre mulheres contra todas formas de opressão, exploração e violência que envolvem ser mulher na sociedade (GARCIA; SOUSA, 2015). Apesar de a sororidade ter surgido como uma proposta política de transformação social, o conceito vem recebendo apropriações para além do espaço de militância do feminismo, sendo muito difundido pela mídia contemporânea. Nesse contexto, a sororidade tem sido definida de diferentes formas, tornando-se, assim, alvo de críticas e discussões sobre sua funcionalidade (LEAL, 2020).

Leal (2020) faz uma análise de diferentes concepções apresentadas sobre a sororidade em mídias digitais, e demonstra que o conceito vem sendo descrito como um sentimento capaz estimular a amizade e solidariedade entre mulheres e, por vezes, como uma atribuição natural da mulher, isto é, como uma essência feminina, por meio da capacidade natural de expressar sensibilidade. No entanto, a noção de essência feminina já foi refutada dentro do feminismo (ver BEAUVOIR, 1970), assim, a disseminação da ideia da sororidade sob um viés essencialista parece ir na contramão da própria luta feminista, reforçando estereótipos tradicionais de feminilidade (LEAL, 2020). Por essa razão, as concepções essencialistas e internalistas associadas à sororidade tornaram-se alvo de críticas por algumas autoras feministas, que defendem que esse viés essencialista da sororidade se aproxima de uma retórica neoliberal, que propõe um empoderamento individual e não desafia estruturas sociais (COSTA, 2009; LEAL, 2020).

As críticas apresentadas por essas autoras parecem condizer com a ótica da Análise do Comportamento, uma das abordagens da psicologia, que também se opõe a

concepções essencialistas e internalistas que tentam explicar termos psicológicos (SKINNER, 1981). A Análise do Comportamento rejeita a ideia de que algo no interior dos indivíduos determinaria ou explicaria as suas ações. As explicações perante os eventos são analisadas de acordo com as relações funcionais entre o indivíduo e o ambiente, ou seja, entendendo o sujeito na sua relação contextual (SKINNER, 2006). Lidar com termos psicológicos como algo interno do indivíduo não permite explicar de fato como o processo ocorre, conseqüentemente, traz características incompletas e vagas sobre eventos e impede que variáveis ambientais relevantes sobre o comportamento sejam compreendidas (SKINNER, 2006). Como uma alternativa para esse problema, Skinner (1961) discute a importância de operacionalizar os termos psicológicos, isto é, voltar-se para as contingências que explicam a relação funcional entre um termo, seus antecedentes e conseqüências. Com a operacionalização de termos psicológicos, seria possível compreender suas relações funcionais e identificar quais repertórios comportamentais constituem determinados eventos (SKINNER, 1961). A partir dessas discussões, essa pesquisa se propõe a aplicar essa proposta de operacionalização à sororidade, a fim de compreender de forma mais sistemática quais as contingências envolvidas em comportamentos condizentes com o objetivo político da sororidade. A seguir, será descrito o método utilizado e, depois, os primeiros resultados encontrados.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa é de natureza teórica e será constituída por duas etapas. A primeira etapa consistirá na sistematização do conceito de sororidade a partir da literatura feminista, para isso, essa etapa será subdividida em dois passos: primeiro, será realizada uma revisão bibliográfica a partir de textos encontrados na base de dados do Google Acadêmico que tenham o termo sororidade no título. A seleção desses textos será realizada por meio da leitura do resumo e das considerações finais dos textos, sendo excluídos aqueles em que o conceito de sororidade é discutido apenas de maneira periférica, isto é, que não tenham como foco principal a discussão do conceito. Uma vez feita essa seleção, a busca das discussões sobre sororidade nos textos selecionados será realizada pelo recurso *ctrl+f*; segundo, será feita a leitura na íntegra de três livros que têm o termo sororidade no título e tratam a sororidade como tema principal, são eles: “Vamos juntas?: o guia da sororidade para todas” (Babi Souza), “Sororidade: quando a mulher ajuda a mulher” (Paula Roschel) e “Mulheres na luta: 150 anos em busca de liberdade, igualdade e sororidade.” (Marta Breen e Jenny Jordahl). Os resultados de ambos os passos serão analisados a partir de fichamento de transcrição, uma modalidade de registro de material bibliográfico que envolve a reprodução literal de trechos do texto. O objetivo dessa primeira etapa é ter um amplo contato com a literatura feminista a fim de identificar como o conceito de sororidade tem sido descrito.

A segunda etapa da pesquisa será voltada à operacionalização do termo sororidade, na qual todos os conteúdos encontrados na primeira etapa serão analisados de acordo com a perspectiva da Análise do Comportamento. Isso irá envolver uma descrição crítica dos resultados encontrados na literatura feminista, identificando os possíveis problemas e propondo uma interpretação analítico-comportamental do conceito.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, foi realizado o primeiro passo da primeira etapa mencionada no método. Foram localizados 51 textos na base de dados do google acadêmico que contêm o termo “sororidade” no título. Desses 51 textos, 22 foram excluídos pois não tinham a sororidade como foco central das discussões; 6 foram excluídos por falta de acesso; e 23 foram selecionados como material de análise. Abaixo serão descritos os resultados

agrupados de acordo com categorias interpretativas, divididas em duas partes: primeiro, como a sororidade tem sido associada a sentimentos; segundo, como a sororidade tem sido associada a um sentido essencialista de mulher.

3.1 SORORIDADE COMO UM SENTIMENTO

A análise dos textos selecionados demonstrou que a sororidade é muito discutida como expressão de sentimentos – principalmente empatia e solidariedade – entre mulheres. Um exemplo disso é demonstrado por Martins (2019), que salienta que a sororidade diz respeito à “relação de companheirismo e empatia entre as mulheres” (p. 12) e reitera que “a união feminina embasada pela solidariedade e empatia surge como uma promessa de transformações.” (p. 33). Silva (2016) ao discutir a sororidade, apresenta a mesma noção, afirmando que “a partir do momento em que as mulheres extinguem a competição entre si e assumem uma posição de empatia e solidariedade entre elas, ocorre uma quebra no padrão criado pela ordem machista, patriarcal, sexista e misógina.” (p. 50)

Para além do campo do feminismo, Leal (2020) faz uma investigação de como a sororidade tem sido tratada nas mídias sociais, e conclui que o conceito é atrelado a uma série de definições que pertencem ao campo sentimental, dessa forma é demonstrado, de forma recorrente, que “constituindo, em si mesma, um sentimento, a sororidade seria capaz de superar outros como o ódio, a inveja e o ciúme e mobilizar ainda a amizade, a solidariedade e a indignação frente ao patriarcado.” (p. 148). Como oposição a essa ideia, Leal (2020) argumenta que reduzir a sororidade à expressão de sentimentos entre mulheres faz com que o conceito se aproxime de um viés liberal e perca sua força enquanto movimento político de resistência.

3.2 SORORIDADE COMO UMA ESSÊNCIA FEMININA

Uma vez sendo considerada um sentimento, algumas concepções sobre a sororidade demonstram ainda que esse sentimento é algo inato, como uma característica natural do feminino (LEAL, 2020). Em sua investigação nas mídias digitais, Leal (2020) demonstra que a sororidade é frequentemente caracterizada como “parte de uma essência feminina [...], como um sentimento inconsciente que emana do interior das mulheres.” (p. 155). Nesse sentido, a autora discute que o conceito é bastante disseminado como algo que já está dentro das mulheres, isto é, que faz parte do “ser mulher”, a partir de uma capacidade inata de expressar sensibilidade – como uma essência feminina.

A noção de essência já foi rejeitada pelo feminismo, uma vez que atribui a certos padrões de feminilidade que fomentam a dominação masculina e submissão das mulheres (BEAUVOIR, 1970). Nesse viés, caracterizar a sororidade como um sentimento, e que está, naturalmente, atrelado ao feminino, assume que mulheres são, então, naturalmente empáticas, solidárias e sensíveis (LEAL, 2020). Essas concepções, além de fomentar padrões de feminilidade, não abrem espaço para a compreensão de quais as relações funcionais envolvidas no comportamento de sororidade, e, mais especificamente, quais as variáveis determinantes da sororidade exercida como um movimento político.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sororidade emergiu a partir um movimento político de resistência, no entanto, ao longo da história, teve apropriações para além do âmbito do feminismo. Atualmente, o conceito tem sido associado a aspectos que vão na contramão da luta feminista e ajudam a fomentar as práticas de dominação masculina e submissão da mulher. O termo é descrito como a expressão de sentimentos de empatia e solidariedade – e, por vezes, como uma característica inata da mulher, fazendo alusões à noção de essência feminina. Algumas

autoras feministas apresentam objeções a essas ideias, demonstrando que tais concepções desviam o foco da sororidade enquanto movimento político. A Análise do comportamento, uma das abordagens da psicologia, tem como função política contribuir na resolução de questões sociais. Uma das técnicas apresentadas por essa abordagem é a operacionalização de termos, visando compreender as contingências envolvidas nos processos comportamentais, isto é, quais as variáveis existentes para que os comportamentos ocorram.

Tendo em vista essas discussões, propõe-se, a partir da tecnologia comportamentalista, aplicar essa operacionalização ao comportamento de sororidade, a fim de entender suas relações funcionais e repertórios envolvidos, em outras palavras, visando compreender quais comportamentos precisam ser emitidos para que as mulheres estejam agindo de acordo com o objetivo político da sororidade. Assim, espera-se que a psicologia – por meio da Análise do Comportamento – traga contribuições ao feminismo, num trabalho político que visa um melhor projeto de sociedade para todas as mulheres.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: Fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

COSTA, S. G. Onda, rizoma e “sororidade” como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 6, n. 2, p. 01-29, 2009.

GARCIA, D. A.; SOUZA, L. M. A. A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância. **Estudos linguísticos**, v. 44, n. 3, p. 991-1008, 2015

LEAL, T. O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 3, p. 139–164, 2020.

MARTINS, L. G. S. **Sororidade na educação: uma experiência com oficina de empoderamento feminina**. 2019. 86 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Comunicação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

SILVA, I. C. S. **Sororidade e rivalidade Feminina nos Filmes de Princesa da Disney**. 130 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Comunicação Social). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SKINNER, B. F. Operational analysis of psychological terms. In: **Cumulative Record**. Appleton: New York, 1961, p. 272-286.

SKINNER, B. F. Selection by consequences. **Science**, 213(4507), 501-504, 1981.

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.